

TIPO DE
VEICULO: COLUNA
VEICULO: O NOVO CHICO
COLUNISTA: BUARQUE
PÁG.
DATA: 01 / 01 / 1978

O NOVO CHICO BUARQUE

por Paulo Coelho

Depois de dois anos sem lançar nenhum disco no mercado, Chico Buarque volta agora ao cenário com seu novo LP "CHICO BUARQUE", cuja tiragem inicial de 500.000 cópias já está totalmente vendida.

Geralmente considerado uma pessoa de poucas palavras, Chico Buarque quebrou o mito. Nesta entrevista ele procura dar uma idéia geral de todo o seu trabalho e de seus planos para o futuro.

P. Chico, o que representa este novo disco?

CHICO: "Este disco é praticamente um balanço do que eu tenho feito nos dois últimos anos. É minha obra e meu trabalho de dois anos para cá. No ano passado eu não lancei nenhum LP. Por uma circunstância, entraram três músicas que não puderam ser lançadas anteriormente. Isso, somado à capa do disco, (em que eu fiquei muito jovem) acabou dando uma idéia de um disco retrospectivo. Oito das onze faixas representam uma sinopse do que eu tenho feito nos dois últimos anos".

P. É justamente sobre esta sua nova imagem, parecendo mais novo na capa do disco, que gostaríamos de falar.

CHICO: Não é intencional entende? Eu cortei aquele bigode porque estava realmente cansado dele, chateado com ele. Não tem título porque não apareceu um título que me agradasse ou que agradasse a nós todos, o pessoal que estava trabalhando no disco. Várias idéias apareceram, mas nenhuma delas satisfez. Além disso tem o problema que a capa precisa ficar pronta antes do disco, porque leva mais tempo para se fazer e até a data limite de se entregar não havia assim um título. Então ficou só com meu nome. E é uma capa simples, como eu gostaria até que fosse o disco. Sem nada, e até mostrando como eu gostaria que fosse o meu trabalho em música.

P. Você poderia dar uma idéia geral sobre as músicas gravadas neste LP?

CHICO: Feijoada Completa composta pro filme do Hugo Carvana, o SE SEGURA MALANDRO! A única coisa que eu gostaria de dizer a respeito dessa música é que eu não sou um bom cozinheiro e não sei fazer feijoada. Então, para fazer esta receita de feijoada, eu me baseei no poema de Vinícius, que é uma receita de feijoada. Não que eu tenha copiado os versos, mas copieei a receita dele.

CÁLICE foi uma música durante muito tempo cantada fora dos circuitos, cantada sem muito aviso, com o título trocado e tal. No tempo em que eu fazia muito show com o MPB4 era um dos nossos números prediletos, quando deixavam a gente cantar. Então eu chamei o Magro para reproduzir esse arranjo no disco, e o Milton para fazer uma outra voz o que eu acho que reforçou ainda mais esse clima, com a carga toda que tem a voz do Milton não é?

Quanto a TROCANDO EM MIÚDOS, eu tinha várias músicas compostas no ano passado, que foram gravadas em outros discos. Havia outras músicas, como "João e Maria", que ia incluir no disco, mas Trocando em Miúdos foi a que mais ficou, a que eu mais gostava de cantar. Inclusive, é curioso que, depois de quase todo dia de gravação, eu terminava com Trocando em Miúdos. A voz já estava colocada mas eu queria colocar de novo, me dava prazer. Foi realmente por prazer que eu gravei Trocando em Miúdos. Queria colocar no disco do ano passado, mas como eu não gravei nenhum, botei nesse.

P. Chico, nós gostaríamos que você falasse sobre seu trabalho em trilhas sonoras de filmes.

CHICO: Bom, em primeiro lugar eu não faço trilha sonora. Acho que fiz uma vez só há muito tempo. O que eu faço mais é compor temas para filmes. Normalmente quem compõe a trilha é gente mais familiarizada com a técnica mesmo de arranjos. O Francis Hime, por exemplo, que estudou isto em Los Angeles. Quanto a roteiro, eu já trabalhei meio vagamente junto com Cacá Diegues, no QUANDO CARNAVAL CHEGAR. Mas, justamente agora, eu estou trabalhando pra valer no projeto de um filme, que seria um musical, todo cantado, com pouquíssimo diálogo. É um filme do GIANNI AMICO, que é cineasta italiano que tem muitas ligações com o Brasil, que já morou aqui durante muito tempo. Aliás, eu devo trabalhar nisso junto com Caetano Veloso.

P. Por que você insiste em fazer um musical para cinema, se já teve a experiência de QUANDO O CARNAVAL CHEGAR?

CHICO: Insisto porque acho que é um caminho que não tem porque não dar certo. O cinema está bastante avançado, eu tenho gostado muito dos últimos filmes nacionais. E a nossa música também está aí. Então, não vejo por que deixar de juntar estas duas coisas. Assim como também no Teatro eu tenho procurado dar minha contribuição como músico, como compositor.

P. De uns tempos para cá, você tem aberto bastante o seu repertório em termos de gêneros musicais. Você já compôs um rock, um frevo, um fado.

CHICO: Eu não tenho nenhum preconceito contra nenhum tipo de música. Mas, o que parece que mais tem me incitado a fazer um trabalho mais eclético, talvez seja a necessidade de estar fazendo música para Teatro, para Cinema, para determinadas situações. Porque, normalmente, se eu for pegar no violão, eu vou fazer samba, porque é o que eu mais toco mesmo. Mas, derepen

te, o clima de uma cena em Teatro pede outra coisa e isso tem me puxado um pouquinho para outros caminhos.

P. E onde é que anda o Julinho da Adelaide?

CHICO: É, o Julinho da Adelaide está bem, está compondo muito, só que agora ele usa pseudônimo: se chama Chico Buarque. Mas ele tá aí, trabalhando em silêncio, porque ele é mineiro.

P. Você parece gostar muito de trabalhar em parceria, embora não precise.

CHICO: Às vezes, eu sinto necessidade de um parceiro. Porque é um trabalho diferente, é uma disciplina diferente trabalhar em parceria. Aliás, é uma disciplina você trabalhar em parceria. Você trabalhando sozinho, não te exige nada em termos de disciplina, você não consegue se organizar, você não consegue planejar muita coisa. Enquanto que você trabalhando com um parceiro, tudo é diferente. O que eu faço normalmente é letra para músicas alheias. Está ali a música pedindo uma letra, às vezes o compositor já tem alguma idéia, um título, e assim vai.

P. Chico, como fluiu em você esta vontade de escrever?

CHICO: Bom, escrever eu já escrevia muito antes de fazer música. Eu gostava muito de escrever nestes jornaizinhos de escola, tive um conto publicado no suplemento do Estado de São Paulo, antes de ser compositor conhecido e tal. Na verdade foi a música que me desviou um pouquinho disso, e aos poucos eu fui retomando o hábito de escrever, preferindo o Teatro, que é, aliás, uma possibilidade de conciliar as duas coisas. Toda pela que eu tenho feito é musical. Então me dá possibilidade de agir como compositor e como autor de Teatro.

P. Daria para você fazer um histórico das suas atividades em Teatro?

CHICO: Eu comecei a trabalhar com Teatro em 65, fazendo a música para "Morte e Vida Severina". Eu digo fazendo a música, mas na verdade foi um trabalho coletivo, eu participei do espetáculo todo. Quer dizer, meu trabalho era fazer música mas fiquei por dentro do mecanismo todo. Depois disso, fiz música pro Oficina, de Zé Celso. Depois, escrevi meu primeiro texto, que foi RODA VIVA. Aí tem um buraco de uns quatro anos. Fiz o Calabar, com Ruy Guerra. Gota D'Água, com Paulo Pontes e finalmente a ÓPERA DO MALANDRO.

P. Como surgiu a idéia de fazer a ÓPERA DO MALANDRO?

CHICO: Havia já uma idéia de fazer uma adaptação da Ópera dos Três Vinténs, de Brecht. Nem uma adaptação, mas uma versão, Mas, aos poucos, entrando mais no trabalho, não só eu como o grupo todo que transou a peça, começamos a sentir a necessidade de adaptar tudo. E no fim, deixou de ser uma versão para ser realmente uma outra peça. Também contribuiu para isso a descoberta do texto que inspirou BRECHT, que é a Ópera do Malandro, de John Gay, de 1728. Então, baseados nestes dois textos nós fizemos um estudo, uma pesquisa de época e situamos no Estado Novo. Aí foi surgindo.

P. A ópera foi uma superprodução em Teatro. Não era um risco?

CHICO: Não só um risco, como também uma superprodução deste tipo no Brasil está se tornando inviável. Eu explico melhor: se fosse um fracasso, seria um prejuízo danado. Quando é sucesso, como está sendo, não dá um lucro grande, entende? Então, capitalisticamente falando, não é um bom negócio. Tanto que, depois de quatro meses de cena, a produção passou para os atores, funcionando em termos de cooperativa. Porque não há quem queira investir dinheiro com uma coisa dessas. E cada vez vai ficar mais difícil isso, porque o ingresso de Teatro não pode aumentar mais porque ele já é caro, e ao mesmo tempo ele não acompanha a alta do custo de vida. Se ele subir mais, ninguém vai poder ir ao Teatro. E se ele não subir, não vai dar para pagar os atores dignamente, justamente. Os atores têm que comer e tudo sobe.

P. Algum projeto novo em Teatro?

CHICO: Não, no momento não. No momento estou me dedicando aquele projeto de cinema. Mas eu tenho vontade de pegar uma outra idéia pra montar em Teatro.

P. Chico, em Literatura você só escreveu um livro até agora, FAZENDA MODELO, que foi um "best-seller". Por que você não escreveu mais nenhum?

CHICO: Na época em que escrevi FAZENDA MODELO, eu só escrevi FAZENDA MODELO. Na verdade, o Sérgio Carvalho, que é meu produtor, pode se lembrar que eu saía de casa para gravar um disco para o qual eu nem compus nada, que era SINAL FECHADO. Fiz o disco só com outras composições, muitas delas por sugestão da própria produção, porque eu estava com a cabeça mais voltada para o livro do que para o disco. Não me dediquei aquele disco, como aos outros. Escrever é uma atividade muito absorvente. Amanhã, se eu tiver

tir para um show, como já parti várias vezes, vou ter que largar tudo que estou fazendo. Vou largar aquele projeto de cinema, futuros projetos de Teatro. E eu não tenho tido tempo para isso. É um processo desgastante: ensaio, viagens, isso e aquilo. E não é a minha vocação realmente.

P. Alguma palavra final?

CHICO: Bom, eu espero que as pessoas gostem do disco. Ele foi feito para ser gostado, porque ele é alegre. Eu acho que pode até pegar em discoteca. Ele é até meio dançante. Talvez seja o meu disco mais alegre. Um disco assim, olhando pra frente.